



PROJETO DE LEI PL./0015.8/2015




Concede Título de Cidadão Catarinense ao
Padre João Alfredo Rohr, “*in memoriam*”.

Art. 1º Fica concedido o Título de Cidadão Catarinense ao Padre João
Alfredo Rohr, “*in memoriam*”.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões,


Deputado Padre Pedro Baldissera

Lido no Expediente
05ª Sessão de 12/02/15
As Comissões de:
05 - Justiça
14 - Trabalho
Secretário



JUSTIFICATIVA

A presente proposição tem por finalidade homenagear postumamente o Pe João Alfredo Rohr com o Título de Cidadão Catarinense. Este que foi o “pai da arqueologia catarinense”, segundo o Centro Brasileiro de Arqueologia, e o “maior escavador brasileiro”, segundo a historiadora e doutora em geografia, Teresa Domitila Fossari.

Nascido em 18 de setembro de 1908 no município de Arroio do Meio (RS), e falecido em 21 de julho de 1984 no município de Florianópolis (SC), João Alfredo Rohr adveio de uma família descendente de alemães e cresceu em uma comunidade cuja agricultura familiar era a principal atividade econômica.

Aos doze anos, o menino João Alfredo ingressou no seminário dos jesuítas em Pareci Novo (RS) e logo transferido para São Leopoldo (RS), onde anos depois lecionou Aritmética, Italiano e História Natural. Lá, além de interessar-se pelo museu, que dispunha de amostras do reino animal, vegetal, mineral e humano, de aprofundar nos estudos de Filosofia e de exercer o Magistério, publicou artigos abordando a História Natural. Finalmente, em 1939 é ordenado sacerdote.

Aos 33 anos de idade Pe João Alfredo Rohr foi então designado para o tradicional Colégio Catarinense, sediado em Florianópolis (SC), instituição fundada e mantida pelos jesuítas, como ainda hoje o é. Lecionou as matérias de Física, Química e Ciências Naturais de 1942 a 1964, fortaleceu o museu já existente na instituição, hoje transformado no *Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, SJ”*. A unidade reúne grande e diversificado acervo educativo e acadêmico, tendo como destaque as descobertas realizadas por Pe Rohr nas escavações, assim como obras do século XVI, de Santo Agostinho, até o século XIX em edições especiais.

Nesse período foi nomeado Reitor da Comunidade dos Jesuítas e Diretor do Colégio, durante seis anos, e Presidente do Sindicato de Estabelecimentos de Ensino Primário e Secundário de Santa Catarina. Como dirigente da instituição, Pe Rohr promoveu reformas e construções, procurando adequar a demanda à estrutura do prédio centenário que ainda hoje abriga o Colégio, viabilizando uma nova ala, colocando mais um piso e a fachada atual. Entre as diversas obras, construiu no Morro das Pedras, junto à Lagoa do Peri, no Sul da Ilha (Fpolis), um castelo de pedra, um verdadeiro cartão postal da cidade, além de importante centro para encontros e eventos.

Nosso homenageado manteve atividade pastoral com a população de Florianópolis de forma intensa: capelão do Orfanato, próximo do colégio (de 1942 a 1943); capelão da Chácara do Puríssimo Coração de Maria (de 1943 a 1947); durante quase 40 anos deu catequese e dirigiu a Congregação Mariana no povoado de Córrego Grande, interior de Florianópolis, parte insular; e assistente espiritual da Congregação Mariana da Escola Industrial, por muitos anos.

Ainda estando à frente do Colégio Catarinense, Pe Rohr escreveu um extenso trabalho sobre a etnologia indígena do Estado de Santa Catarina, publicado nos Anais do I Congresso de História Catarinense, realizado em Florianópolis (SC), em 1948. A botânica também despertou o interesse deste especial pesquisador, tendo dividido experiência com outros colegas, como Canísio Orth, grande estudioso e manipulador de plantas



medicinais. De 1950 a 1951 publicou trabalhos sobre três grupos de plantas (Felicíneas, Pteridófitas e Orquídeas).

Porém, o campo em que Pe. Rohr ficou consagrado seria a arqueologia. Adquiriu, pela instituição que dirigia, a coleção que Carlos Behrenheuser, comerciante florianopolitano que trocou retalhos de tecido por peças arqueológicas encontradas em diversos lugares na parte insular da capital catarinense. A coleção é constituída por 8.000 objetos dos sambaquis, e 80.000 fragmentos e vasilhas de cerâmica Guarani.

Em 1958 Pe Rohr iniciou o levantamento de sítios arqueológicos e grandes escavações. A sua primeira escavação, medindo 200 m², no sítio Caiacanga-Mirim, junto à Base Aérea de Florianópolis, retirou 54 esqueletos humanos. Neste local, no século XII, encontrava-se uma aldeia de índios Xokleng. Em 1959 as pesquisas voltam-se para os sambaquis da parte insular de Florianópolis (e também em Imbituba-SC), sendo que em 1962 inicia o estudo da Praia da Tapera, onde permanece durante 5 anos, escavando 2.000 m².

Ali descobriu a existência de uma aldeia que viveu entre os séculos IX e X de nossa era, de onde retirou 172 esqueletos humanos, toneladas de restos de alimentos, instrumentos lascados e polidos, artefatos em osso e concha e 4.500 fragmentos de cerâmica.

Quando coordenava as escavações da Praia da Tapera, em 1966, resolveu ir para o extremo oeste catarinense estudar 53 sítios arqueológicos em Itapiranga. Nas barrancas do Rio Uruguai encontrou acampamentos humanos existentes há mais de 9.000 anos. Algum tempo depois focou seu trabalho no Planalto Catarinense, onde localizou e estudou 111 sítios arqueológicos em Urubici, Petrolândia, Bom Retiro e municípios vizinhos. Lá se deparou com as chamadas “casas subterrâneas”, e também grutas, onde paredes continham inscrições rupestres. Nos anos seguintes, Pe Rohr protagoniza um período de grandes escavações em diversos sítios costeiros, transformando a atividade num dos pontos fundamentais de seu trabalho.

Assim, entendemos que o nome proposto para receber a presente honraria, merece nosso reconhecimento e conseqüente saudação.

Por tudo exposto e detalhado, solicito aos Nobres Pares a aprovação do presente projeto de lei.

Sala das Sessões,

Deputado Padre Pedro Baldissera

